



A POÉTICA DO COTIDIANO COM CLARICE LISPECTOR: EMERGINDO IMAGENS DA MATERNIDADE CLANDESTINA

Adriana Silva¹

“Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu”.²

A presente comunicação apresenta fragmentos da dissertação de Mestrado defendida em fevereiro de 2008, no programa de pós-graduação em Multimeios do Departamento de Cinema do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, intitulada **A Póética do Cotidiano com Clarice Lispector: emergindo imagens**.

Fragmentos de um processo, uma busca pela poesia do e no cotidiano, inspirada pela literatura de Clarice Lispector, em especial as publicações *Laços de Família* (1960) e *a Via Crucis do Corpo* (1974), ambos repletos de inquietantes contos sobre a condição da mulher, suas aprisionantes convenções, dolorosas transgressões e inventivas criações existenciais.

Porém não se trata de um trabalho de análise literária, mas sim de uma *transcrição* afim de desencadear processos criativos com o objetivo de desenvolvimento de linguagem audiovisual, ou seja criar imagens através das palavras, também não se trata de uma adaptação literária para o cinema, vídeo, mas sim de através das palavras de Clarice Lispector, encontrar e dar forma para as minhas imagens.

A escrita da dissertação foi marcada por três momentos do trabalho, iniciando-se com ***O processo até Clarice: a poética do cotidiano (Eu)***, onde eu, enquanto autora pesquiso o meu próprio universo, descrevendo um pouco da minha trajetória até o meu cotidiano no momento da pesquisa, os encontros e desencontros das relações afetivas de mulher e mãe, vendo-me nas e através das personagens de Clarice, conduzindo-me a partir de uma vasta possibilidade de leituras, ao livro “*Laços de Família*”, primeiro livro de contos da autora, publicado na década de 1960, onde conforme Yudith Rosebaum,

“Pelo menos dez dos treze contos tratam do mundo feminino, das difíceis relações entre as mulheres oprimidas em seus restritos cotidianos e das fendas abertas por devaneios, fantasias, acasos e epifanias, que tensionam a rigidez da ordem doméstica. As marcas ideológicas e repressivas da cultura vão sendo desveladas em meio às ambigüidades das personagens, divididas entre deveres e anseios.”³

¹ Licenciada em Pedagogia – Faculdade de Educação/UNICAMP, Mestre em Multimeios/Cinema e Vídeo pelo Instituto de Artes da UNICAMP, Doutoranda em Educação (FE/UNICAMP). Email: < silvadida07@gmail.com >

² Clarice Lispector. *A legião Estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

³ ROSENBAUM, Y. Clarice Lispector. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 68.



Mas como eu chego até Clarice, ou como ela chega a mim?

A primeira vez, o primeiro contato, a primeira leitura foi na fase adulta, a mais conturbada. Final da graduação, final de ciclo, oca, perdida, sem saber para onde ir e o que fazer com esta coisa chamada vida, li com fervor ‘Perto do Coração Selvagem’, logo após uma maternidade inesperada, foi uma catarse. Mas anteriormente tive outra pequena experiência já no contexto de inspiração para o processo criativo, inicialmente representar ou interpretar uma personagem, um conto que falava sobre um cachorro, uma menina, uma tentação, não me lembro bem, a memória é sensação: o medo, a culpa e o desejo.⁴

Depois, diversos encontros: criar a partir de outro conto “Um dia a Menos”⁵, novamente uma personagem e a memória é a solidão, solidão, solidão. O fracasso existencial que é a iminência intermitente da morte.

“Uma Galinha”, outro conto, outro processo de criação. Um Assentamento da Reforma Agrária, fazer um documentário coletivo, com pequenos curtas individuais, trazendo a subjetividade para o processo criativo. Novamente Clarice e suas imagens de Galinhas, penso em um ritual antropofágico que é para mim servir-me de Clarice para trabalhar: um ritual antropofágico, sinto-a dentro de mim pulsando.

Este pulsar de também querer dizer, sobre mim, minhas angústias, inquietações, desejos, esta relação de alteridade que as personagens banais de sua obra nos convoca para a experiência de também se construir numa posição de personagem, inventando-se a si mesma.

No segundo momento do trabalho seleciono um conto em espacial de Laços de Família, para criar um roteiro para vídeo, também inicio oficinas de interpretação com uma atriz e a produção concomitante a elaboração do roteiro, tudo pulsava e conspirava para a materialização de imagens e sons que trariam o mundo de Laura, a personagem protagonista do conto.

Conforme descrevo na dissertação sobre a escolha por este conto,

“Ao ler a Imitação da Rosa, quarto conto de Laços de Família, fui tomada de profunda inquietação. Laura me tomou por inteiro, de certa forma era ela que eu esperava, desejava ou concebia, a personagem perfeita. Para mim trazia aspectos fundamentais da literatura de Clarice, somente com um ponto que me inquietava, a ausência dos filhos.⁶

⁴ Trabalho em grupo na disciplina Leitura e Produção de Textos, onde fui PAD (Auxiliar Didática) do Prof. Milton Almeida da Faculdade de Educação, ainda na graduação em Pedagogia.

⁵ Trabalho em Vídeo “Estréia”, realizado na disciplina (aluna especial) ‘O vídeo como instrumento de pesquisa e Criação’ ministrada pelo Prof. Fernando Passos.

⁶ SILVA, Adriana A. A poética do cotidiano com Clarice Lispector: emergindo imagens. Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, SP, 2008, p. 39.



Todo o processo da idealização de uma produção audiovisual ao fracasso é descrito na segunda parte do trabalho intitulado *Laços de Família: a imitação de Clarice (Nós)*, onde narro o que seria o lugar seguro e previsível do trabalho acadêmico que me propus ao ingressar na pós-graduação, porém nada aconteceu como o previsto, o processo foi um fracasso completo, o roteiro parcialmente ignorado por uma banca de qualificação composta por artistas (homens) pesquisadores que me excluíram de um debate masculino sobre o desejo da personagem. Fiquei só, sem saber para onde ir com a pesquisa, sem saber o que fazer com o que eu buscava encontrar forma, na meu entendimento a experiência singular de uma mulher em tensão entre o aprisionamento doméstico e a liberdade da loucura.

No meio do processo, com um suposto fracasso cai num abismo subjetivo onde somente fui compreender a importância quase no final do meu prazo, porém minha pulsação interna manteve-se constante e sempre com as palavras de Clarice Lispector me conduzindo ao longo do caminho,

”O processo de viver é feito de erros - a maioria essenciais - de coragem e preguiça, desespero e esperança de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, não conduz a nada, e de repente aquilo que se pensou que era 'nada' - era o próprio assustador contato com a tessitura do viver - e esse instante de reconhecimento (igual a uma revelação) precisa ser recebido com a maior inocência, com a inocência do que se é feito. O processo é difícil? Mas como seria chamar de difícil o modo extremamente caprichoso e natural como uma flor é feita. (Mamãe, disse o menino, o mar está lindo, verde e com azul e com ondas! está todo anaturezado! todo sem ninguém ter feito ele!) A impaciência enorme (ficar de pé junto da planta para vê-la crescer e não se vê nada) não é em relação à coisa propriamente dita, mas à paciência monstruosa que se tem (a planta cresce de noite). Como se dissesse: 'não suporto um minuto mais ser tão paciente', 'essa paciência de relojoeiro me enerva', etc.: é uma impaciente paciência. Mas o que mais pesa é a paciência vegetativa, boi servindo ao arado.”⁷

Desta experiência e com o desafio de terminar o trabalho, da maneira que fosse possível, com uma impaciente paciência deixei-me conduzir para as profundezas de minha alma, buscando o que mais me inquietava e gostaria de dar forma, para além da academia, das aprovações alheias e da necessidade de materialização de um vídeo, um trabalho que me colocaria muitas condições materiais para a criação, ou seja poderia cair em devaneios com a máxima liberdade.

“Não, não estou falando em procurar escrever bem: isso vem por si mesmo. Estou falando em procurar em si próprio a nebulosa que aos poucos se condensa, aos poucos se concretiza, aos poucos sobe à tona – até vir como um parto a primeira palavra que a exprima.”⁸

Despida dos outros, me despi e encontrei Ela, o outro dos outros que também era eu, e o desejo do corpo. Num jogo de composição de personagem que carregaria a minha história, e de

⁷ LISPECTOR, Clarice. Submissão ao processo. In *A descoberta do mundo*, pp. 445-446.

⁸ Clarice Lispector: a hora da estrela (curadoria de Ferreira Gullar e Julia Peregrino) – São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2007.



outras mulheres que existem em mim, como minha mãe. O corpo memória onde sinto as palavras potentes e latentes em mim. “*Ver é a pura loucura do corpo!*”⁹

A Via Crucis do Corpo e a Maternidade Clandestina

Fui conduzida dentro do vasto universo literário de Clarice Lispector após o exame de qualificação com o debate sobre o desejo, a questão do corpo, tendo as perspectivas mobilizadoras nas tensões entre a sexualidade e a maternidade, encontrando na leitura de **A via Crucis do Corpo**¹⁰ - um livro composto de 13 narrativas precedidas de uma explicação da autora, onde diz: “*Se há indecências nas histórias a culpa não é minha.*” Neste livro encontrei rica e dolorosa inspiração para o processo. Trabalhando nas esferas do desejo, da sexualidade e da maternidade em consonância com o amor, o medo e a dor.

Escrevi um monólogo de uma experiência de masturbação e libertação, a partir de uma lembrança de repressão materna que sofri na infância. Alimentei minha memória de imagens com os desenhos de nu feminino de Gustav KLIMT, especialmente para o monólogo as figuras: **Adão e Eva** pintura inacabada (1917-1918) e **Mulher sentada com as coxas abertas** (1916/1917).¹¹

“Tocón, Tocón Tocón¹²... (pausa) ah! Tócon Quando cheguei em Tocón após todo o deslumbramento em Barcelona, Madri e ah! (pausa) Granada...estava tão extasiada com todo o meu corpo, sentindo de uma forma tão especial...ah! esta viagem marcava um processo de descobrimento tão profundo...deixar no Brasil, meu trabalho, meus amigos, meus amores...ah! (pausa) meu pequenino, como será que meu bebê...meu eterno bebê, está vivendo sem a mamãe? Certamente seu Pai deve estar preenchendo a minha ausência com um velado julgamento – veladíssimo porque ele é um cara super legal que quer bancar uma guarda compartilhada e, ah! Como é mesmo que ele sempre me dizia? - “Claro que eu fico com nosso filho para você tocar os seus, os seus projetos... ele é prioridade para mim.” Ah!...(pausa) nas entrelinhas dizendo: - “Você é uma egoísta: seus, seus projetos = Mãe monstro!”

(Quebra ou Explosão) – a personagem alterada levanta-se e tentando se alcarar retoma:

Ah! Mas voltando a Tocón (senta novamente), eu quero falar sobre como Tocón me tocou e revelou para mim (atônita) – uma mulher que eu em 30 anos, um casamento fracassado, um filho, alguns amores, muitos desamores...uma mulher que eu não conhecia...amparada durante 30 anos em um homem.

Primeiro meu Pai, depois os possíveis “Príncipes Encantados” que me resgatariam de uma vida meio sem graça, para um fantástico, um cinematográfico: e viveram felizes para sempre.

(em tom de lamento) E tantos vieram, não me resgataram, somente aumentaram a minha infelicidade e, pior, foram tirando – um a um, os meus sentidos, o meu desejo de conhecer, de aprender a amar...amar com todo o meu corpo. Meu corpo, o que sempre foi meu corpo para mim? Não sei bem...(meio hesitando) as vezes um instrumento de locomoção: me leva, me traz aos projetos/lugares que preciso ir/voltar...ah!(pausa) um instrumento de sedução, uma tentativa de entrega da alma pelo corpo...apostando – Será que amanhã ele vai me ligar e poderemos aprofundar, ter algum caminho para a intimidade da convivência e ah! Do aprendizado do amor: cotidiano, construído, conquistado com e no Tempo. Ah! Meu corpo todo me dói só de lembrar...

9 Ibidem.

10 LISPECTOR, Clarice. *A Via Crucis do Corpo*. (apresentação de Ivo Luchesi) 5ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

11 Ambas imagens, assim como outras referências as pinturas ‘eróticas’ do pintor, foram retiradas do livro: Gustav Klimt (1862-1918). Taschen, 2006.

12 Vilarejo na região de Granada, ao sul da Espanha. Uma amiga espanhola, me ‘apresentou’ o lugar – com fotos, histórias...presenteando meu imaginário, com um lugar fantástico para minhas criações.



Mas o pior, o pior é o Corpo como ameaça, a sombra assustadora de um homem, estranho, assustador e, pior, forte, forte...me olhando, me querendo, me possuindo e o meu corpo, estranho, usado, sujo...(nervosa, levanta-se)

(Quebra ou Explosão) – (Senta novamente, acalma-se, assume uma postura ‘flamenca’ e diz:) Mais aqui o que nos interessa (pausa) mais a mim, lembrar... Como se pudesse sentir novamente aquele primeiro encontro em Tocón, eu comigo mesma... Tocando-me... primeiro com medo, vergonha, um estranhamento...mas pouco a pouco encontrando um caminho tão, mas tão prazeroso...ah! é até muito difícil descrever. (pausa, fecha os olhos e permanece em devaneio por alguns segundos).

(Quebra ou Explosão) – (Sem abrir os olhos, retoma a fala: devagar, pausadamente... compartilhando o devaneio)

Ali no meio da noite, só, encontrei a minha liberdade, o prazer, tocando no coração selvagem que era meu sexo...naquele instante-já, me senti como uma borboleta ao romper o casulo que o protege do mundo e também camufla a beleza da liberdade do corpo. Nunca me senti tão livre em toda a minha vida.”¹³

Após este período de despertar para esta memória do corpo, de uma sexualidade pulsante onde o desejo transbordava, encontrei outras leituras de Clarice Lispector, especialmente uma me tocou, falava da maternidade de uma forma muita intensa

"Eu me abri e você de mim nasceu. Um dia eu me abri e você nasceu para você mesmo. Quanto ouro correu. E quanto rico sangue derramou. Mas valeu a pena: és pérola de meu coração que tem a forma de sino de pura prata. Eu me esvai. E tu nasceste. E me apaguei, para que tu tivesses a liberdade de um deus. És pagão mas tens a benção da sua mãe.
E. E a mãe sou eu." ¹⁴

Neste período também minha mãe que é técnica de enfermagem em um grande hospital público da periferia de São Paulo me contou a história de um mulher que chegou no hospital, ganhou neném e foi embora. Assim como meu Pai numa conversa na noite de natal me contou como teria sido meu nascimento - meus pais foram militantes da organização Ação Popular, posteriormente incorporada ao PC do B (Partido Comunista do Brasil) estavam vivendo na clandestinidade deste início dos anos 70, nasci em 1975¹⁵, o ano internacional da mulher, e que minha Mãe por pouco não tinha me tido no banheiro do hospital. A partir destas informações separadas no tempo e no espaço foi materializando em mim algumas imagens, que numa tarde na porta da escola de educação infantil do meu filho, ao esperar sua saída fui tomada por uma memória inventada, escrevendo como um parto de palavras para exprimir uma experiência. Assim escrevi o primeiro argumento do roteiro A Mãe.

“A mulher entra sozinha, com medo, medo, medo, medo de tudo, falta pouco tempo, este tempo de espera, de angústia, ela não escuta nada, um silêncio tomou conta do seu corpo. Bem leve, baixinho, ela ouve o compasso acelerado e intermitente de um coração. O hospital é caótico; em pleno vapor fazendo a morte e a vida, ela nada ouve, a não ser o som do coração crescendo, crescendo, crescendo. Ela tem medo, medo de ouvir, de

¹³ Este monólogo eu escrevi no período do Mestrado num curso de criação e interpretação dramaturgica em São Paulo, no período de Março-Abril de 2007.

¹⁴ LISPECTOR, Clarice. Um Sopro de Vida: pulsações, p. 108.

¹⁵ Atualmente no Doutorado em Educação, com o projeto A Estética da Infância no Cinema, tendo como referência filmes contemporâneos com protagonistas crianças e temáticas políticas, venho refletindo e escrevendo sobre a Infância na Ditadura Militar, muito inspirada por este processo desencadeado no Mestrado.



falar, procura com os olhos assustados um abrigo, precisa recompor-se, sente tantas dores, vê o banheiro, respira fundo, o som do coração tão alto, respira fundo, fecha os olhos.

CORTA – a tela branca, o silêncio.

A mulher em frente ao espelho lava o rosto, olha-se buscando no reflexo encontrar forças e coragem. **O contato é seguro? Caiu algum ponto? Ah! Meu Deus!** A mulher busca a lucidez, encontrar o Dr. Silva, ele a espera, tá tudo certo, ah! Que dor, ah! Que medo, calma, calma, calma, respira fundo.

CORTA – a tela branca, o silêncio.

A mulher dirige-se a recepção, concentra-se, respira e pergunta para a atendente

– “Por favor, meu nome é...é...é, Maria das Dores e eu procuro o Dr., Dr., Dr. Silva – apaga (ela desmaia).

CORTA – a tela branca e o som do coração volta forte, latente...

Gradativamente vai diminuindo na sintonia dos olhos se abrindo. A mulher está deitada – a imagem/seqüência inicia-se com uma subjetiva do teto, ela acordando: o teto, o quarto, a ‘varredura’ do olhar nervoso pelo lugar – “Onde estou?”, o close nas mãos apertando o ventre, os olhos fechando.

CORTA - Seqüências de flashbacks – 1. A mulher caindo. 2. A correria, sendo socorrida. 3. Ela sendo levada pelos corredores. A voz firme e acolhedora em seu ouvido: “Calma, Beth, sou eu o Silva, fique tranqüila, estou aqui, tudo dará certo.” CORTA. A tela branca. Silêncio.¹⁶

A partir deste argumento senti que tinha chegado - parafraseando o discurso psicanalítico no núcleo duro da dor, da minha dor existencial que buscava dar forma através da inspiração literária com a Clarice Lispector. Trabalhei na elaboração do roteiro durante a finalização do Mestrado, tendo a consciência da inviabilidade da materialização destas imagens para o vídeo no contexto acadêmico da linha de pesquisa que estava inserida. Porém independente das limitações, sentia-me profundamente satisfeita com a possibilidade uma reconstrução de um passado nebuloso, permeada por uma reflexão crítica no presente.

Na escritura deste roteiro que apresento trechos no presente trabalho, fui tecendo uma narrativa audiovisual onde pudesse problematizar o sentimento de fragilidade do corpo feminino, compreendendo que isto se dá em condições dadas, esta constatação, porém aparentemente um óbvio ululante não vem a consciência espontaneamente, são longos e dolorosos deslocamentos necessários para uma ressignificação do passado e reformulação do presente.

A Mãe

Sinopse

Uma mulher (1) perseguida pela Ditadura Militar, em meados dos anos 70 entra em um hospital público de São Paulo, para ali 'dar a luz' a sua filha. Ela está com medo, tem um contato de um médico-amigo da organização clandestina que é militante. Ela está sozinha, seu companheiro foi para a Guerrilha do Araguaia e ninguém sabe o que aconteceu com ele -provavelmente morreu. Ele também não quis saber muito da gravidez da companheira. Mulher (2) está sozinha indo 'dar a luz' em um hospital público de São Paulo, meados dos anos 2000, sem marido/pai da criança, sem família na cidade, está assustada e não sabe o que fazer com esta situação. Ambas vão vivenciar a experiência da maternidade, do parto em circunstâncias e tempos distintos, porém o enredo é o mesmo: estão sozinhas, com medo, não sabem o que fazer, na situação de pânico tomam decisões diferentes e marcam assim as suas vidas. Ambas entram e saem do hospital no final da tarde, na hora perigosa entre o dia e a noite (lusco-fusco) - isto é destacado nas tomadas Externas de entrada e saída,

¹⁶ SILVA, Adriana A. A poética do cotidiano com Clarice Lispector: emergindo imagens. Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, SP, 2008, p. 63.



porém dentro do hospital não há indicação de dia ou noite, perde-se a referência de tempo (mas elas permanecem por aproximadamente 24 horas).

Caracterização das Personagens

Mulher (1): tem aproximadamente 30 anos, estatura média, meio 'gorducha' tem cabelos lisos e curtos, olhos castanhos, pele clara, banal. Está vestida com um pesado casaco marrom. Geralmente é controlada, resignada, aparenta extrema segurança (mas tem muito medo de viver e vive em intenso conflito existencial, entre a escolha política e a forte educação religiosa) e vive como quem trabalha o tempo todo, evitando os pensamentos excessivos. Iniciou a militância política por influência cristã, quer salvar as pessoas, contribuir para um mundo melhor. Antes do golpe vivia com o companheiro, em constante conflito por não terem se casado oficialmente (incluive rompeu com sua família para viver 'amasiadamente' com ele). Ele, mais 'radical' decidiu ir para a Guerrilha do Araguaia, deixando-a grávida com a 'terrível' sugestão: dela abordar e se dedicar exclusivamente para a iminente Revolução.

Mulher (2): tem aproximadamente 25 anos, estatura baixa, magra, cabelos lisos e curtos, olhos castanhos - assustados, pele clara, banal. Está vestida com um casaco marrom (de brechó, parecido ou o mesmo da Mulher 1). Tem um aspecto descuidado, aparência profundamente abatida pela sua condição física – a gravidez indesejada, escondida meses a fio...no trabalho. Veio do interior de Minas Gerais trabalhar como babá-doméstica (vive com uma família de classe média) e engravidou de um homem casado (também migrante com uma família numerosa – que trabalha como porteiro/servente no mesmo prédio). As demais empregadas - colegas de elevador/café/encontro no playground do prédio indicaram o hospital e algumas deram a 'terrível' sugestão de deixar a criança para adoção, uma vez que não teria pai, lar, nada - frissaram que Deus a perdoaria e a vida continuaria.

Médico: homem de aproximadamente 40 anos, alto, cabelos e olhos negros. Voz firme e serena. Se formou em Medicina com muita dificuldade, vindo de uma família muito pobre, recebendo ao longo da vida, principalmente escolar/universitária apoio constante, por isso logo na residência começou a desenvolver atividades/ações com as pastorais, teve uma educação católica forte, porém progressista e se interessava pela teologia da libertação. A mãe viúva criou ele e a irmã com a aposentadoria do pai, morto em um acidente de trabalho na construção civil - educou ambos dentro da Igreja da comunidade onde moravam. A irmã mais nova, atuante na Pastoral, foi presa e brutalmente torturada e assassinada nos porões da ditadura. Por isso após o golpe (potencializado pelo assassinato da irmã) tinha muito medo, por sua família (era casado e tinha duas filhas), mas de qualquer forma continuava a apoiar as organizações clandestinas de esquerda que o procuravam, contribui financeiramente e especialmente acolhe e faz o parto de diversas mulheres perseguidas pela ditadura. Pensava constantemente na irmã assassinada, tinha medo, pânico, mas uma indignação profunda e sentia-se reconfortado em poder ajudar, cuidava das mulheres sempre como se fossem a irmã perdida.

Caracterização dos Cenários (Locação):

Um hospital público da cidade de São Paulo - poderia ser o Leonor de Barros (a maternidade que nasci, onde parte desta história aconteceu), a história em dois momentos caracterizado no Roteiro como Parte I e II. Dos anos 70 para hoje, há um intervalo de tempo que será caracterizado pelo figurino dos personagens/figurantes e especialmente pelos filtros de luz, que nos anos 70 é mais desbotado/mais amarelado, já nos anos atuais é mais estourado, iluminação forte e clara. As sequencias concentram-se na entrada/recepção, dentro de um banheiro e no quarto da paciente. O hospital não necessariamente está lotado-com macas pelos corredores, porém o aspecto público (acesso para todos) é fundamental.”

A primeira parte do ‘curta’ segundo o roteiro tem 8 sequencias, marcadas pela passagem da personagem 1 em frente ao espelho e um desfecho da saída da personagem com o seu bebê, numa evidente indicação do desfecho no meu nascimento.

“A mulher em frente ao espelho lava o rosto, olha-se buscando no reflexo encontrar forças e coragem. (SOM OFF/fala subjetiva da personagem) "O contato é seguro? Ah! Meu Deus, a camarada Dora caiu nesta mesma situação. Ah! Meu Deus me dê forças! Calma, calma, calma...nenhum ponto caiu, estou segura, segura, vai dar tudo certo...O nome dele é Dr. Silva, ele está me esperando, vai dar tudo certo, ah! Que dor, ah! Que medo, clama, calma, calma, respira fundo." A mulher busca a lucidez, recompor-se.

A porta do quarto se abre, uma enfermeira entra trazendo um bebê no colo, TRAVELLING HORIZONTAL a acompanha até o lado da cama, onde ela pára e diz: “Aqui Mamãe, sua filhinha, está faminta.” (PP) A mulher não se movimenta, apenas a recebe no braço, aperta sobre seu corpo e chora. Chora um choro doído... um



choro da alma. (CLOSE) Chora por tudo o que passaram até ali e também por tudo o que virá. CORTA. FADE IN. A tela branca. Silêncio.

Na segunda parte, são 7 sequencias, com a passagem da personagem 2 em frente ao espelho, com a intencionalidade de umas narrativa ciclíca, onde as situações tragicamente se repetem, mesmo em contextos de tempo e espaço tão distintos e marcados pelo figurino e cenografia.

“A mulher em frente ao espelho lava o rosto, olha-se buscando no reflexo encontrar forças e coragem. (SOM OFF/fala subjetiva da personagem) "Ah! Meu Deus oquê que eu faço? Eu queria e podia morrer, assim não tinha que tomar uma decisão dessas...ah! meu Deus me dê forças! Que ódio, porquê, porquê...e ele nem quiz saber, maldito! Estou perdida, para onde vou...Calma, calma, calma...ah! Que dor, ah! Que medo, cama, calma, calma, respira fundo." A mulher busca a lucidez, recompor-se, decidir o que vai fazer. CORTA. FADE IN – a tela branca, o silêncio”

Após todo o procedimento de acolhida hospitalar, em situação de socorro e de um parto realizado as pressas, têm-se dois longos planos seqüência onde apresento o desfecho de abandono da segunda personagem de seu bebê no hospital.

Plano Sequência: CÂMERA FIXA. - (PG) A porta do quarto se abre, uma enfermeira entra trazendo um bebê no colo, TRAVELLING HORIZONTAL a acompanha até o lado da cama, onde ela pára, respira fundo e diz: “Ô bebê, sua mamãe se foi e a deixou aqui para nós, oh! Meu Deus!” (PP) Na cama/no leito vazio.CORTA. FADE IN. A tela branca. Silêncio.

Seqüência 15: Externa/saída do Hospital (final da tarde).

Som: Ambiente/Direto.

Plano Seqüência: CÂMERA FIXA em frente a porta do hospital. PLANO GERAL. A mulher 2 sai assustada, olhando para trás, hesitando se vai ou se volta. Ela pára (CLOSE/PP) olha para todos os lados e onde (PP) vê-se uma viatura policial parada (lado direito do quadro), ela respira fundo, olha para trás, respira fundo e segue a esquerda até sumir do quadro, a imagem fica alguns segundos parada na porta do hospital. CORTA. FADE OUT.¹⁷

O roteiro termina com as indicações de fontes inspiradoras do processo criativo, compondo os créditos, a figura de G. KLIMT, com imagens–fragmentos ou como um mosaico, caleidoscópio do quadro do Klimt “As três idades da Vida”¹⁸, 1905 e a música: Mãe (Mãe Solteira) do disco: Estudando o Samba de Tom Zé, 1975. E com a letra desta música embalo o final desta comunicação.

Mãe (Mãe Solteira)¹⁹

Cada passo cada mágoa
cada lágrima somada
cada ponto de tricô
seu silêncio de aranha
vomitando paciência
pra tecer o seu destino
Cada beijo irresponsável
cada marca do ciúme
cada noite de perdão

¹⁷ Em relação à linguagem audiovisual, mantive o roteiro com esta característica da decupagem com os cortes e movimentos de câmera, por ser pequenos trechos afim de conservar a intencionalidade da narrativa audiovisual.

¹⁸ Não incluí no presente trabalho as imagens de KLIMT por problemas de configuração no texto, mas cabe ressaltar para as(os) possíveis interessados buscar as referencias e contemplar as maravilhosas belíssimas pinturas.

¹⁹ Composição de Tom Zé e Elton Medeiros.



o futuro na esquina
e a clareza repentina
de estar na solidão
Os vizinhos e parentes
a sociedade atenta
a moral com suas lentes
com desesperada calma
sua dor calada e muda
cada ânsia foi juntando
Preparando a armadilha
teias, linhas e agulhas
tudo contra a solidão
pra poder trazer um filho
cuja mãe são seus pavores
e o pai sua coragem
Dorme dorme
meu pecado
minha culpa
minha salvação

Bibliografia

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1960.

_____. *A via crucis do corpo*. (apresentação de Ivo Luchesi) 5ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1974.

_____. *Um Sopro de Vida (Pulsações)*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira: 1978.

_____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1984.

GULLAR Ferreira, PEREGRINO Julia. (curadoria exposição) *Clarice Lispector: a hora da estrela*. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2007.

NÉRET, Gilles. *Gustav Klimt (1862-1918)*. Taschen: 2006.

ROSEMBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo, PubliFolha: 2002.

SILVA, Adriana A. *A poética do cotidiano com Clarice Lispector: emergindo imagens*. Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, SP: 2008.